

Memórias de vampiro



**IVAN JAF**

# A INSÔNIA DO VAMPIRO

**Ilustrações  
ALEX SENNA**

**Nova edição**

**ea**  
editora ática

# A INSÔNIA DO VAMPIRO

© Ivan Jaf, 2006

Direção Presidência	Mario Ghio Júnior
Gerência editorial	Cintia Sulzer
Coordenação editorial	Fabio Weintraub
Edição	Andreia Pereira
Planejamento e controle	Patrícia Eiras Adjane Queiroz
Arte	Daniela Amaral (ger.) Erika Tiemi Yamauchi (coord.) Nathalia Laia (assist.)
Projeto gráfico e diagramação	Nathalia Laia
Revisão	Hélia de Jesus Gonsaga (ger.) Rosângela Muricy (coord.) Katia Scaff Marques (coord.) Flavia S. Vênezio Gabriela M. Andrade Luís M. Boa Nova Patrícia Travanca
Coordenação comercial	Carolina Tresolavy

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-  
A insônia do vampiro / Ivan Jaf ; ilustrações Alex  
Senna. - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2019.  
il. - (Memórias de vampiro).  
ISBN: 978-85-08-19430-8  
1. Literatura infantojuvenil I. Senna, Alex  
(ilustrador). II. Título. III. Série.  
2019-0304 CDD: 028.5

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

ISBN 978-85-08-19430-8

CL: 742361

CAE: 661276

2019

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2019

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo, SP – CEP 05426-902

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*[...] Direis vós, perante tal amontoado de vítimas:  
“Deus vingou-se, a morte deles é o preço de seus crimes?”  
Que crime, que falta cometeram estes infantes  
Sobre o seio materno esmagados e sangrantes? [...]*

Voltaire\*

---

\* *Poema sobre o desastre de Lisboa*. Tradução de Jorge P. Pires. Lisboa: Frenesi, 2005.

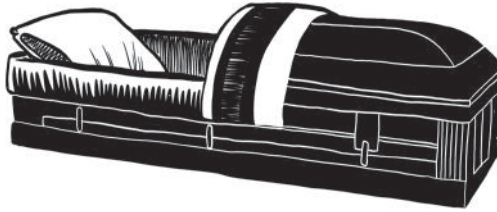
# SUMÁRIO

- |          |  |           |           |  |           |
|----------|--|-----------|-----------|--|-----------|
| <b>1</b> | É fácil falar mal de mim.<br>Difícil é ser eu. ....        | <b>7</b>  | <b>8</b>  | A diligência é a<br>mãe da boa sorte. ....                 | <b>32</b> |
| <b>2</b> | Morreu quando estava mais<br>alheio à ideia de morrer. ... | <b>12</b> | <b>9</b>  | Deus guia, mas não<br>promete saúde. ....                  | <b>35</b> |
| <b>3</b> | Todo doido é teimoso. Não há<br>razão que o vença. ....    | <b>16</b> | <b>10</b> | Enganar o<br>desenganado. ....                             | <b>38</b> |
| <b>4</b> | Ouvia conselhos como<br>quem ouve chover. ....             | <b>19</b> | <b>11</b> | Filho de gato<br>caça rato. ....                           | <b>41</b> |
| <b>5</b> | O acaso veio a calhar,<br>como o anel ao dedo. ....        | <b>22</b> | <b>12</b> | As pessoas que creem às cegas<br>são muito perigosas. .... | <b>44</b> |
| <b>6</b> | Cada qual é filho<br>de suas obras. ....                   | <b>25</b> | <b>13</b> | Tudo é questão<br>de desgraça. ....                        | <b>47</b> |
| <b>7</b> | Quem muito xinga está<br>a um passo do perdão. ....        | <b>28</b> | <b>14</b> | Pelo fio se acha<br>o novelo. ....                         | <b>50</b> |

<b>15</b>	As palavras desacreditam as obras. ....	<b>54</b>	<b>22</b>	Sem tempo nem para ter cuidado. ....	<b>75</b>
<b>16</b>	Sinais de que não temos a menor importância para Deus. ....	<b>57</b>	<b>23</b>	Cada um que olhe por si, e não fará pouco. ....	<b>78</b>
<b>17</b>	A vida segue ao lado da morte. ....	<b>61</b>	<b>24</b>	As pessoas são animais que aguentam muito. ....	<b>82</b>
<b>18</b>	Mais vale algo do que nada. ....	<b>63</b>	<b>25</b>	Quando o chefe tropeça, os subalternos mancam. ....	<b>86</b>
<b>19</b>	A roda do destino dá muitas voltas. ....	<b>66</b>	<b>26</b>	Num tropeço, às vezes a sorte se endireita. ....	<b>90</b>
<b>20</b>	Basta que entenda Deus. ....	<b>69</b>	<b>27</b>	A aventura também pode justificar a vida. ....	<b>93</b>
<b>21</b>	“É preciso pregar em Portugal o uso da razão, pois o juízo nos falta em tudo.”. ....	<b>72</b>	<b>28</b>	Enquanto não se morre, tudo é vida. ....	<b>97</b>
			<b>29</b>	Onde uma porta se fecha, outra se abre. ....	<b>100</b>



# É fácil falar mal de mim. Difícil é ser eu.



**Sou vampiro.** Tenho 500 anos, duzentos deles passados aqui, no Brasil. Agora, pela primeira vez, sofro de insônia. Fico rolando no caixão o dia inteiro. É desesperador.

O dia dura duas vezes mais do que a noite, por isso a insônia dos vampiros é duas vezes pior do que a dos humanos normais.

Procurei uma psicanalista.

A psicanálise é a única forma de “tratamento” com que os vampiros podem contar. Nosso corpo físico é imutável. Nós nos reconstituímos. Se eu corto meu cabelo, por exemplo, ou as unhas, na noite seguinte, quando saio do caixão, eles estão exatamente como eram antes.

Quando os ferimentos são muitos, ou mesmo depois de uma amputação, a reconstituição demora um pouco mais, e é recomendável passar um período embaixo da terra. Um vampiro pode suspender seu metabolismo indefinidamente, permanecer anos sem respirar nem sentir sede, se for enterrado sem caixão.

Em nenhuma situação precisamos de médico.

Remédios não fazem efeito em nosso corpo. Tudo o que precisamos é de sangue, para fazer a coisa funcionar.

Um mortal procuraria um psiquiatra, atrás de remédios para dormir. Nós não contamos com isso.

Vampiros, como os humanos, podem se tornar mais sábios, mais cultos, mais engraçados, mais espertos, mais criativos, mais conhecedores da natureza humana e do vampirismo. Podemos estudar, aprender a ler, a pintar, a falar outras línguas. Podemos nos desenvolver espiritualmente. O espírito não volta ao que era antes, durante o dia, como o cabelo e as unhas.

Procurei, portanto, a psicanálise, que é uma das formas de desenvolvimento ao alcance dos vampiros e o que mais se aproxima de um “tratamento”.

Naturalmente, a psicanalista era uma vampira também.

Como eu poderia me abrir, falar de mim, sem disfarces nem mentiras, para uma psicanalista humana, normal? Eu a mataria de susto na primeira sessão – além da dificuldade de arranjar horário à noite.

Há muitos profissionais liberais vampiros espalhados por uma cidade grande. Meu técnico de informática, que me socorre quando um vírus invade meu computador, entra voando pela janela do meu escritório. Tenho um encadernador de livros cuja oficina é em um jazigo perpétuo no cemitério do Caju.

Nós precisamos “viver”, como qualquer um. E prestamos serviços uns aos outros.

A minha psicanalista-vampiro tinha consultório em um prédio, na orla de um parque com flores, gramados e árvores frondosas. Devia ser muito bonito durante o dia, mas isso nem eu nem ela íamos saber nunca. À noite era sinistro, como nos convém, com morcegos enormes voando entre as copas das amendoeiras e vagabundos com ares ameaçadores.

Ela morava no décimo andar. O edifício era luxuoso, portaria com piso de mármore branco, maçanetas douradas, tapetes orientais... ainda bem que eu não sofria de ausência de reflexo, como acontece com alguns vampiros, pois as paredes eram todas espelhadas e o porteiro teria ficado muito assustado.

Apertou minha mão com firmeza. Seu corpo físico devia ter uns 40 anos. Entre nós é uma gafe horrorosa dizer que uma vampira é bem conservada. Tinha um sorriso muito doce e franco. Um sorriso de quem resolveu todos os seus problemas. Um sorriso que deixava a gente à vontade.

Eu a achei muito bonita. Cabelos escuros presos no alto da cabeça. *Jeans* e camisa social de seda preta. Um olhar penetrante, como o das corujas. Um corpo leve e ágil, como o dos morcegos. Dois caninos pontudos se destacando quando sorria.

Quando ela falou meu nome... seu tom de voz era suave, mas grave, rouco, como se viesse de algum lugar muito profundo. E seu hálito não fedia a abatedouro, como o da maioria de nós, mas, ao contrário, era como um passeio por um campo de lavanda.

Eu não sabia nada sobre ela. Tinha sido indicada por um amigo, um joalheiro judeu, vampiro, sofrendo havia séculos de uma grave mania de perseguição.

Fiquei curioso para conhecer o “relato” dela.



“Relato” é a maneira pela qual a pessoa virou vampiro, e quase sempre é o tema que surge na conversa quando dois de nós se encontram pela primeira vez. Mas não estávamos ali para trocar “relatos”.

O consultório era numa dependência isolada do apartamento.

Ao contrário do que eu esperava, era alegre, colorido, com quadros abstratos nas paredes, móveis modernos e um grande janelão aberto voltado para o parque.

Ela se sentou numa poltrona preta, de aparência muito macia e maternal; e eu me deitei em seu “divã”, um caixão de jequitibá maciço, com braçadeiras de prata, acolchoado por dentro com um veludo preto espesso e com dois travesseiros de renda branca, um para a cabeça e outro para os pés.

— Deve entrar muita luz do Sol aqui, durante o dia — eu disse. — Com todo esse janelão...

Foi um comentário bobo, que demonstrava todo o meu desconforto.

— Certamente — ela sorriu. — Mas eu nunca vi.

— É tudo muito bonito. E impecável — continuei, sem saber o que fazer.

— Tenho uma ótima diarista.

— Não consigo encontrar uma boa...

— O nome “diarista” nos deixa inconscientemente de má vontade.

— É verdade. Este mundo não foi feito para os vampiros. Vou tentar encontrar uma “noturnista”.

Ela riu. Eu fiquei olhando para o teto.

Numa primeira sessão de análise, não há como evitar certo pânico. O sujeito está prestes a revolver o passado, a mexer em águas paradas, a revirar todo o lodo do fundo, a fazer a sujeira vir à tona. Ser vampiro só piora as coisas. Eu tinha mais passado que um livro de História. E a sujeira, o lodo... O que eu estava fazendo ali?

— Vamos começar? — ela perguntou, docemente.

E foi assim que iniciamos minhas sessões de análise, uma vez por semana, às quintas-feiras, às três horas da madrugada.

Quanto à minha insônia, logo na primeira sessão ela afirmou ser apenas uma consequência.

— Consequência de quê? — perguntei.

— Estamos aqui para descobrir.

— Mas eu preciso dormir. Tentei me enterrar, sem caixão, mas nem assim consegui.

— Esse método só dá certo para males físicos, você sabe.

— Estou desesperado...

— A insônia é o sintoma de uma crise. E ela se agrava nos vampiros, por terem dias infinitos pela frente. Mas é apenas um sintoma. Não se preocupe com ela. Quando a causa passar, a insônia passa.

— Não posso ficar assim eternamente...

Ela sorriu:

— Não somos tão eternos assim...

Tinha razão. É claro que somos bem menos mortais que as pessoas comuns, mas também morremos. O sol nos torra. Se cortam nossa cabeça e a afastam bem do resto do corpo, ou se espetam uma estaca no nosso coração... O mais comum em vampiros muito antigos é enlouquecer e se matar. Se jogam no fogo, ou esperam o sol nascer deitados na areia da praia, ou sentados tranquilamente na varanda do apartamento.

Meu apartamento tinha varanda.

— Vamos nos concentrar nas causas de sua crise, e não na insônia — ela insistiu. — Você acabará dormindo.

— Tudo bem.

Ela também explicou que psicanálise para vampiros era diferente da que se pratica com humanos.

— No seu caso, por exemplo, não é possível nos basearmos nas relações com pais e mães biológicos porque, depois de tantos séculos, não há como se lembrar direito deles, não é?

— Não lembro mesmo.

— Os vampiros têm um segundo nascimento, que é a noite em que viraram mortos-vivos, e esse costuma ser um trauma mais marcante do que o parto, o desmame ou uma surra do pai. Nesse segundo nascimento, surge inevitavelmente um segundo pai, ou mãe: o vampiro, ou vampira, que os transformou em mortos-vivos.

— Esse eu recordo bem. Foi um vampiro maluco.

— Nossos segundos pais são mais importantes do que os pais biológicos porque não nos dão a vida, mas a quase eternidade, o que gera uma relação de amor e ódio muito mais profunda. E duradoura...

— Entendo...

— Vamos partir daí. Do seu nascimento como vampiro.

— Certo. Então vou iniciar contando o meu “relato”, em Portugal, no século...

Ela colocou a mão direita em meu ombro. Seu toque foi suave e relaxante. E o mais espantoso é que não a senti se mexer. Eu podia jurar que não havia